

Psicologia da religião e sistema de crenças

Psychology of religion and belief system

Psicología de la religión y sistema de creencias

*Gilson Xavier de Azevedo**

RESUMO

O objetivo deste artigo é abordar a noção de sistema de crenças dentro da psicologia da religião através de três elementos que parecem cruciais para tal compreensão. Inicialmente tratar a experiência religiosa como elemento formado a partir de um sistema de crenças constituído no campo psíquico e, depois, propor um levantamento das obras de dois autores (Sigmund Freud e Erich Fromm) da psicanálise que abordaram a experiência religiosa em algumas de suas obras, e em terceiro, compor um perfil significativo da psicologia das crenças em questão. Trata-se de um estudo revisional exploratório. A motivação para esse estudo situa-se no conjunto de estudos que venho propondo nos campos da antropologia, psicologia e sociologia sobre o que concebo por sistema de crenças. A questão é se os autores e obras que venho analisando tocam nesta questão, sem necessariamente se darem conta de que estão tratando de uma estrutura tão elementar para a formação social quanto as demais. A premissa básica é de que autores e obras analisadas dão subsídio para tal localização. Espera-se não só neste artigo, mas no estudo como um todo, chegar a noções conceituais sólidas sobre o sistema de crenças e seu papel cultural, psíquico e social.

Palavras-chave: Sistema de crenças; Experiência religiosa; Sigmund Freud; Erich Fromm.

ABSTRACT

The purpose of this article is to address the notion of belief systems within the psychology of religion through three elements that seem crucial to such understanding. Initially to treat religious experience as an element formed from a system of beliefs constituted in the psychic field and then to propose a survey of the works of two authors (Sigmund Freud and Erich Fromm) of psychoanalysis who approached religious experience in some of his works, thus composing a significant profile of religious psychology. This is an exploratory review. The motivation for this study lies in the set of studies that I have proposed in the fields of anthropology, psychology and sociology on what I conceive by belief system. The question is whether the authors and works that I have been analyzing touch on this question, without necessarily realizing that they are dealing with such an elementary structure for social formation as the others. The basic premise is that authors and works analyzed give subsidy for such location. It is hoped not only in this article, but

* Doutor em Ciências da Religião pela PUC-GO e Professor Titular da Universidade Estadual de Goiás. Contato: gilsoneduc@yahoo.com.br . Submetido em 10/02/2019; aceito em 08/04/2019.

in the study as a whole, to arrive at solid conceptual notions about the belief system and its cultural, psychic, and social role.

Keywords: Belief system; Religious experience; Sigmund Freud; Erich Fromm.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es abordar la noción de sistema de creencias dentro de la psicología de la religión a través de tres elementos que parecen cruciales para tal comprensión. En primer lugar tratar la experiencia religiosa como elemento formado a partir de un sistema de creencias constituido en el campo psíquico y después proponer un levantamiento de las obras de dos autores (Sigmund Freud y Erich Fromm) del psicoanálisis que abordaron la experiencia religiosa en algunas de sus obras, y en tercer lugar, componer un perfil significativo de la psicología de las creencias en cuestión. Se trata de un estudio exploratorio. La motivación para ese estudio se sitúa en el conjunto de estudios que vengo propuesto en los campos de la antropología, psicología y sociología sobre lo que concibo por sistema de creencias. La cuestión es si los autores y obras que vengo analizando tocan en esta cuestión, sin necesariamente darse cuenta de que están tratando de una estructura tan elemental para la formación social como las demás. La premisa básica es que autores y obras analizadas dan subsidio para tal localización. Se espera no sólo en ese artículo, sino en el estudio como un todo, llegar a nociones conceptuales sólidas sobre el sistema de creencias y su papel cultural, psíquico y social.

Palavras-clave: Sistema de creencias; Experiencia religiosa; Sigmund Freud; Erich Fromm

Introdução

O sistema de Crença é um campo relativamente novo em Ciências da religião em à diversificação de pesquisas nesse campo. Desse modo, nota-se que propor uma investigação do tema a partir da psicologia religiosa em Freud e Fromm pode ampliar o debate sobre este campo ao qual tenho dedicado certo tempo e reflexão.

Entender as crenças humanas nos autores aqui interpretados permite uma compreensão mais sistêmica de como as crenças se constituem e se ramificam em nossa mente. O sistema de crenças permeia toda e qualquer percepção de mundo, ora como determinante, ora como determinado, de modo que convém explorar tal perspectiva, tendo em vista um vislumbre maior de como comportamentos, reações, emoções, neuroses e religiosidade são fixados em nosso cotidiano.

Crenças e experiência religiosa

Seja a experiência religiosa transcendente ou não, o fato é que esta é vivida na mente, de modo que cabe inicialmente propor um conceito de psicologia da religião, de modo a se perceber seu campo de estudo.

Para Paiva:

A Psicologia da Religião (PR) consiste no estudo do comportamento religioso, isto é, do comportamento que se refere a um objeto transcendente, denominado "Deus" na cultura ocidental. Para a PR, esse comportamento pode ser de aceitação ou de rejeição do objeto transcendente, e esse objeto pode receber diversas outras denominações, além da predominante na cultura ocidental (PAIVA, 2009, p. 441).

Segundo o mesmo autor, sua origem data de um artigo publicado por Antonius Benkő em 1956 durante o centenário de estudos de psicologia da religião da USP. Como foi mencionado, de início as investigações nesse campo são essencialmente comportamentais. Só na década de 1970 é que os artigos atingiram certa diversidade temática.

De acordo com Paiva (1998, p. 157), as muitas tradições religiosas apresentam-se sob a forma de narrativas em que as personagens divinas e humanas agem e interagem, de acordo com suas características pessoais. Assim como a interação social pode ser um jogo de papéis, a interação religiosa também pode.

No campo religioso, o homem assume seu papel e atribui a Deus o papel que lhe é devido, a partir dessa relação, estabelece-se a crença de que Deus agirá com ele da mesma maneira. Para Paiva: "Se a pessoa foi introduzida nesse registro, por meio da aprendizagem de mitos, símbolos e ritos, ele constituirá um quadro de referência, dando um sentido religioso ao percepto [...]" (PAIVA, 1998, p. 157).

A experiência religiosa permeia o cotidiano de todas as culturas existentes, mas nem sempre na condição de uma religião e sim de uma crença. As crenças são mecanismos de equilíbrio mental, referenciais capazes de nortear nosso ser, agir e pensar no mundo.

O quadro de referência que os indivíduos forma, segundo Paiva (1998) nada mais é que o conjunto de crenças balizadas pelas relações que se articulam no cotidiano. Nesse sentido, há que se esclarecer que toda experiência cotidiana é uma experiência que tem como pano de fundo uma ou mais crenças, religiosas ou não.

A experiência inclui "todos os sentimentos, percepções e sensações que afetam a pessoa ou que são definidos por um grupo religioso como implicando alguma comunicação, por tênue que seja, com uma essência divina, isto é, com Deus, com a realidade última, com uma autoridade transcendente" (PAIVA, 1998, p. 158).

Para Stark (1965) a experiência religiosa pode ser confirmatória, responsiva, estática e revelatória. Esses quatro níveis encerram características cruciais do sistema de crenças, pois todo o agir pressupõe uma autorização mental, uma tomada de responsabilidade (causa-efeito), um ponto de referência e uma revelação.

Dois outros pontos que são comentados por Paiva (1998) sobre a experiência religiosa também remetem à questão das crenças dentro da psicologia da religião: o misticismo e a experiência do sagrado.

O misticismo é tido como a experiência religiosa por excelência. Uma experiência originária e fundante. O místico é alguém que incorpora a experiência religiosa em todo o seu cotidiano. O místico nesse caso, seria alguém que acessa e faz uso de seu sistema de crenças, religiosas no caso, para explicar e agir em toda e qualquer circunstância.

Sobre a experiência do sagrado, este assume a condição de profundidade, perenidade, continuidade de uma experiência. "O sagrado engloba realidades invioláveis, como a vida, a liberdade, a família, eventualmente a pátria, valores pelos quais se vive e se morre" (PAIVA, 1998). O sagrado, que pretende-se tratar especificamente em outro artigo a partir da teoria de Rudolf Otto, é a experiência da crença de que existe uma relação holística, simbiótica entre o ente e a realidade que insiste-se aqui em chamar de totalidade.

Freud e o sistema de crenças

Sigmund Schlomo Freud nasceu em Freiberg na Alemanha em 1856. Foi médico dedicado às questões neurológicas em uma época em que o cérebro humano estava em plena fase de descoberta. Crescido no seio de uma família judaica, vivenciou a rigidez moral e a formação religiosa como bases da formação de seu caráter. Iniciando seus estudos pela utilização da técnica da hipnose como mecanismo de acesso à mente humana, acaba por concluir que a causa da histeria era psicológica e mental, portanto, e não orgânica como se cria. Freud desenvolveu toda uma teorização sobre a mente e seus mecanismos que nos permitem desenvolver relações familiares e sociais. Freud morre em Londres em 1939.

As experiências na infância de Freud com uma babá, por quem alimentava certa relação edípica e com quem frequentava algumas missas e depois a figura opressora de um pai autoritário, parecem ter marcado a experiência religiosa do fundador da psicanálise. Sobre tal experiência, Freud, constrói toda uma teorização sobre a religião em detrimento da psicanálise. Isso fica evidenciado em cinco obras dele que passo a descrever agora.

A primeira obra de Freud que trata especificamente de elementos ligados à religião foi publicada em 1907 com a insígnia "Atos obsessivos e práticas religiosas", onde ele analisa a relação entre rituais repetitivos e obsessões de pessoas que desenvolveram neuroses.

Embora a relação aparente proposta por Freud pareça ter similaridade, posteriormente se observou que ele incorre em erro conceitual, dado que os rituais religiosos não têm a força de tornar-se um indivíduo obsessivo, dada ser esta uma condição mental que se desenvolve em qualquer campo, desde higiene pessoal a atitudes alimentares e profissionais.

Em 1913 Freud faz uma nova investigação comparativa entre religião e psicologia, e nela, lança o livro "O futuro de uma ilusão"; nele, Freud analisa o conceito e a finalidade das religiões e como se dá o fenômeno religioso por meio da proibição do incesto. Aqui, Freud desenvolve a visão de que a religião seria um freio instintual, um desdobramento do complexo de Édipo que desenvolvemos devido a nosso infantilismo existencial. Ele utiliza elementos do totemismo para justificar suas inferências.

Oito anos depois, publica "Totem e Tabu" (1921) onde descreve a passagem da natureza à cultura. Nesta obra, Freud entende que a cultura é a expressão da tomada de consciência humana que permitiu ao homem transpor sua animalidade por meio do animismo, totemismo e da instituição do tabu como conjunto mínimo de regras para promover sua estadia segura no mundo.

A obra "O futuro de uma ilusão" (1927) também trata de questões religiosas, e nesta Freud que o excesso de pulsão é a principal causa dos problemas sociais existentes e também um forte motivador dos fundamentos da religião, de modo que a religião torna-se uma espécie de conservadora da sociedade humana. Nesta obra fica claro que a religião é uma abstração unicamente humana, e nosso principal elemento protetivo, pois nela se funda a moral que teve origem nos tabus relacionados ao incesto em civilizações primitivas. Para Freud, a civilização tem a função de evitar ou de abreviar o sofrimento e oferecer segurança, situando o prazer a segundo plano.

Mais tarde, ao publicar "O mal-estar da civilização" (1930), ele retoma esta ideia e expõe:

O homem comum só pode imaginar essa Providência sob a figura de um pai ilimitadamente engrandecido. Apenas um ser desse tipo pode compreender as necessidades dos filhos dos homens, enternecer-se com suas preces e aplacar-se com os sinais de seu remorso. Tudo é tão patentemente infantil, tão estranho à realidade, que, para qualquer pessoa que manifeste uma atitude amistosa em relação à humanidade, é penoso pensar que a grande maioria dos mortais nunca será capaz de superar essa visão da vida (FREUD, 1930, p. 82).

Nesta obra, Freud analisa de modo geral as ideias de que a cultura produziria um mal-estar nos seres humanos, pelo fato de a cultura vir sempre acompanhada do desejo de conquistas ilimitadas.

Nossas tendências destrutivas, anti-sociais e anti-culturais nos tornam inimigos da civilização que constantemente impõe suas regras a fim de combater o homem isolado e sua liberdade, substituindo o poder do indivíduo pelo poder da comunidade: “Uma satisfação irrestrita de todas as necessidades apresenta-se como o método mais tentador de conduzir nossas vidas; isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo” (FREUD, 1930, p. 95). A obra “O mal-estar da civilização” foi praticamente a última obra em que Freud aborda a questão religiosa como central.

Não obstante a esta afirmação, em seu texto *Moisés e o monoteísmo* (1939), suscita controvérsias em relação ao processo de formação do povo judeu, atribuindo tal processo ao senso humano de coletividade, e não à escolha por uma divindade. Aqui novamente constrói sua percepção sobre o sistema de crenças, pois considera que a história de sangue dos judeus somente revela neurose civilizacional desse povo.

Dentro do conjunto apresentado, Freud sempre trata a religião como um adereço humano, não assumindo em nenhum momento um papel estrutural, o que acredita-se ser seu maior erro, pois ao considerar a cultura e a civilização como estruturas, nega à religião esse atributo; no entanto, entende que a religião é formadora de um sistema de crenças peculiar que “salva” o homem de sua animalidade e o transforma em ser abstrato ou imaginativo e futurista.

Erich Fromm e o sistema de crenças

O também psicanalista Erich Fromm teve experiências religiosas vinculadas ao período em que esteve em um campo de concentração durante a segunda guerra que marcou alguns de seus escritos sobre a relação entre religião e humanidade. Nasceu em 1900 em Frankfurt, também Alemanha. Estudou inicialmente direito, passando para a sociologia onde se doutorou. Foi diretor de pesquisas do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, conhecido como Escola de Frankfurt, que reuniu diversos nomes importantes da filosofia. Após a ascensão ao poder de Hitler, Fromm mudou-se para Genebra, emigrando em maio de 1934 para os Estados Unidos, onde trabalhou na *Columbia University de Nova Iorque*. Suas pesquisas no campo da psicologia da religião giraram entorno da constituição da normal social e do estabelecimento da moral social. Humanista por essência, estudou a fundo o sistema de crenças quando se dedicou a explicar como o indivíduo perde de riqueza interior e de sentimento real de felicidade em função de segurança dada pelo sentimento de pertinência ao restante da humanidade. Em vida, Fromm não se desvencilha da cultura judaica, mas, contudo, não se considera teísta.

Como foi ressaltado, Fromm toma o caminho da psicologia da religião passando pelo viés humanista. Ao publicar “O medo à liberdade” (1941), obra que antecipa conceitos da obra “Análise do Homem” (1947) e que marcaria sua saída da Escola de Frankfurt. Em *O medo à liberdade*, Fromm analisa a ascensão nazista e por meio das noções de libido e medo

existencial, Fromm conclui que mesmo ansiando a liberdade, o ser humano em sua coletividade necessita de arquétipos, modelos existenciais que o conduzam, tal qual sua mãe o fez nos primeiros anos de cada indivíduo.

Nesse mesmo escopo, "Análise do Homem" é uma conceituação do caráter social diferenciando as características produtivistas e não produtivistas prefiguradas nas teorias da biofilia e da necrofilia enquanto tendências naturais humanas. Tal perspectiva o levará a publicar em 1973 a obra "A anatomia da destrutividade humana". Em ambas as obras, Fromm enuncia o primado do capitalismo como força libidinal humana que provoca nossa própria destruição enquanto seres humanos e animais instintivos.

Enquanto a vida se caracteriza pelo crescimento numa maneira estruturada e funcional, a pessoa necrófila ama o que não cresce, tudo que é mecânico. É impelida pelo desejo de transformar o orgânico em anorgânico, de aproximar-se da vida mecanicamente, como se todas as pessoas vivas fossem coisas. Memória em vez de experiência; ter em vez de ser, é o que interessa. O necrófilo pode relacionar-se com um objeto – uma flor ou uma pessoa – somente para possuí-la; por isso, uma ameaça a sua posse é uma ameaça a ele mesmo. [...] Ele gosta de controle, e no ato de controlar, ele mata a vida. Teme profundamente a vida por ela ser, por sua natureza, desordenada e incontrolável. 'Lei e ordem' são para ele ídolos – tudo que ameaça a lei e a ordem é sentido como um ataque satânico aos seus valores supremos (FROMM, 1974).

Para Fromm, a humanidade se fez enquanto tal e sua constituição a destruiu também enquanto tal. Não conseguimos nos tornar o que pretendíamos e não podemos totalmente voltarmos a ser o que somos originalmente, ou seja, animais irracionais, violentos e libidinosos. A formação das nossas crenças que elevam o coletivo ao individual, são o resultado de anos de dominações variadas, e altos níveis de violência que acabam por gerar a esperança num futuro mais seguro e promissor.

Em 1950, Fromm lança sua primeira análise social vinculada à religião sob o título "Psicanálise e Religião", quando questiona se a busca pelo aperfeiçoamento de seu ser o fez um ser divinizado em sua crença de realidade pessoal.

Par Fromm, muitos homens buscam a religião como forma de se sentirem seguros no mundo e na construção e desenrolar de seu destino, mas existem também aqueles que negam a religião como entrave de tal aperfeiçoamento.

Na base da sua confiança na razão humana, os filósofos do Iluminismo, que igualmente investigaram a alma humana, afirmaram a independência do homem das correntes políticas bem como dos elos da superstição e da ignorância. Eles ensinaram como defender-se de condições da existência que exigem a manutenção de ilusões. Sua investigação psicológica fundamentou-se na tentativa de descobrir as condições da felicidade humana. Eles diziam que um estado de felicidade só pode ser atingido quando o homem alcançou sua liberdade interna (FROMM, 1950, p. 232).

A análise que Fromm desenvolve nesta obra recobra a ideia de idolatria do poder, tema bastante caracterizado por ele. O homem moderno substituiu o arquétipo divino Deus pelo arquétipo humano poder e, desde então, o afã iluminista tentar iluminar o mundo e a sociedade criada e positivada pelo homem.

Para Fromm, o homem moderno tornou-se neurótico pelo poder, não abandonando formas primitivas de religião (culto aos ancestrais, totemismo, ritualismo, obsessão de limpeza).

Em Fromm o simbolismo religioso totêmico torna-se característica principal do homem moderno em função da ideia de segurança coletivista, quando este adere cegamente a um partido político e o venera como a um totem.

Ao entregar-se a um sistema constituído de crenças no poder, o homem se exime de tomar decisões, de responsabilizar-se pela sociedade. Esse indivíduo "necessita de normas e princípios que o conduzem a este objetivo. Experiência religiosa neste tipo de religião significa experiência da união com o todo, baseada na relação com o mundo, como alguém a compreende em pensamento e amor" (FROMM, 1950, p. 249).

A defesa de Fromm por uma religião humanista que respeite o pensamento humano, sem eliminar o sistema de crenças religioso, torna-se evidente. Para Fromm, o ponto central de todo sistema é o ser humano e não o sistema; aqui o ser humano se relaciona com o sistema em favor de si, transformando sua inércia e atitude solidária, de modo a construir um profundo respeito à vida.

Em 1966, Fromm lança uma nova análise, "O Espírito de Liberdade". Nela, ele pensa a veneração moderna aos ídolos destruidores da vida que exigem uma obediência a uma força criada pelo indivíduo, mas que se torna simbolicamente maior que ele. Situado na tradição judaica, analisa o Antigo Testamento e as experiências religiosas nele contidas, onde foca seu pensamento no que chama de "O Deus da vida" na condição de um Deus que atue concretamente na história e que oferece condições favoráveis.

O "Deus da vida" proposto por Fromm seria um arquétipo de forças humanas positivas sobre falsas intenções humanas dilaceradas pelo interesse próprio e a autodivinização. A humanidade precisa retomar a consciência de que suas criações servem a ela mesma e não o contrário, mas para tanto, o conjunto de crenças precisa sofrer releitura estrutural.

Considerações finais

Três pontos mostram-se evidentes neste artigo. Inicialmente trabalhei a noção de experiência religiosa, por acreditar que esta se funda no sistema de crenças humano ligado à conexão de si consigo mesmo (autopoiesis), de si com o outro (heteropoiesis) e de si com o mundo (hesopoiesis). A experiência religiosa é, em Freud e em Fromm, fundante, iniciática, *imago mundi*. Ela funda o homem primitivo, o homem moderno e a sociedade.

Por meio dos deslocamentos conceituais que propus ao fazer o breve relato das obras desses dois pensadores, busquei situar em suas obras como se articula o sistema de crenças humano que traz em si duas forças básicas, a saber a construtiva e a destrutiva.

Num segundo momento, abordo Freud, autor este cujas investigações religiosas demonstraram que o homem traz essas duas forças em sua psique, faz uso dela constantemente e a projeta na realidade, alterando estados sociais de pensamento e estados pessoais de visão do que entende por realidade.

Em terceiro, considero Fromm, para quem o homem cria a si mesmo como tal, cria a sociedade e depois retroalimenta um sistema que à medida que o substitui pelas noções religiosas primitivas monoteístas, passa ao endeusamento desse sistema e se perde no seu mar conceitual.

Enviesar o sistema de crenças nesses três momentos e analisá-lo por meio da psicologia da religião permitiu uma compreensão do fato de que este campo da psicologia possibilitou ampliar a compreensão de um padrão de ser humano que sonha a realidade, trabalha em sua construção e, ao mesmo tempo, vivencia essa sua criação, tornando-se co-criador de si, do outro e do mundo que o cerca.

Acredita-se que este e os demais estudos que temos escrito sobre Sistema de Crenças ganham mais um reforço nesta elucidação que nos propusemos. Para mim, esse tema se

tornou um norte, desde o momento em que pude observar que ele permeia todos os demais temas e ciências.

Faz-se importante ressaltar que a obra “O dogma de Cristo” (1974) não fora aqui analisado dentro do escopo das crenças, pelo fato de que pretende-se fazer uma análise ampla dela em outro artigo.

Deixa-se, pôr fim, a contribuição para todo que tem se dedicado à pesquisa das crenças humanas e seu amplo papel de constituição do sujeito, dos sujeitos, da coletividade, da concepção de mundo e da própria religiosidade como traço formador do Sistema de Crenças.

Referências

STARK, R. (1965). *A Laxonomy of religious experiente*. Journal for the Scientific Study of Religion. pp. 5, 97-116.

PAIVA, Geraldo José de. *Estudos psicológicos da experiência religiosa*. Temas. Psicologia- ISSN. Vol 6 nº 2, 153-160. ISSN 413-389X.

PAIVA, Geraldo José de. et al. *Psicologia da Religião no Brasil*. A Produção em Periódicos e Livros. Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Jul-Set 2009, Vol. 25 n. 3, pp. 441-446.

FREUD, Sigmund. *Atos Obsessivos e Prática religiosa* (1907). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Moisés e o monoteísmo* (1939). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *O Futuro de uma Ilusão* (1927). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *O mal-estar na civilização* (1930). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Totem e Tabu* (1913). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROMM, Erich. *A análise do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974

_____. *Anatomia da destrutividade humana*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. *O dogma de Cristo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

_____. *O espírito de liberdade: interpretação radical do velho testamento de sua tradição*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. *O medo à liberdade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

_____. *Psicanálise e religião*. Rio de Janeiro: Libro Ibero-americano, 1950.